

RECONHECIMENTO DE ESTEREÓTIPOS A RESPEITO DE PESSOAS DEFICIENTES

Sadao OMOTE *

RESUMO: Listas de adjetivos que foram mais freqüentemente citados num estudo anterior para a caracterização das categorias de deficientes mentais, visuais, auditivos e físicos foram apresentadas a dois grupos de sujeitos. Esses sujeitos reconheceram claramente a categoria de deficientes a que cada lista se refere. Os resultados sugerem a possibilidade de existirem traços centrais, cuja presença permite a ambos os grupos de sujeitos identificarem a categoria à qual se refere a lista. Sugerem também a possibilidade de determinados traços de uma lista expressarem a natureza da relação entre os sujeitos de um grupo e os membros da categoria à qual se refere essa lista.

UNITERMOS: Estereótipo; deficiência mental; deficiência visual; deficiência auditiva; deficiência física.

As abordagens tradicionais de estudo das deficiências vêm encarando estas como sendo atributos da pessoa identificada como deficiente, inerente ao comportamento ou ao organismo dela. Entretanto, nas últimas décadas vêm avolumando-se estudos que tratam diferentemente as deficiências, concebendo-as como sendo fenômenos primariamente sociais. Em tais estudos, o objeto de investigação passou a incluir não só as características biológicas e psicossociais dos indivíduos deficientes, como também os modos de as pessoas comuns reagirem a tais características tidas como definidoras das deficiências. Assim, a reação dos outros face a deficiências e a deficientes constitui um importante campo de investigação, cujas descobertas podem auxiliar na compreensão da maneira como as pessoas deficientes funcionam e na organização de novos arranjos educacionais a elas destinados.

No Brasil, dentre poucas pesquisas que têm sido realizadas no campo da Educação Especial, predominam ainda aquelas orientadas para o estudo dos próprios indivíduos deficientes, isto é, procura-se buscar a compreensão do que é a deficiência, estudando as características e os modos de funcionamento de pessoas reconhecidas

* Departamento de Educação Especial – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – 17500 – Marília – SP.

como deficientes e procura-se minimizar os efeitos das deficiências, mediante intervenção junto a pessoas assim reconhecidas. Essa orientação leva, muitas vezes, a situações confusas e embaraçosas devido às disparidades existentes entre o conceito de deficiência e as características apresentadas por pessoas particulares identificadas e tratadas como deficientes.

A aplicação de rótulo de deficiente a pessoas particulares não obedece unicamente aos critérios científicos objetivamente estabelecidos para a definição da deficiência; caracteriza-se, também, como um processo de tomada de decisão e de interpretação em que as crenças e sentimentos pessoais de quem aplica o rótulo deixam as suas marcas. Portanto, a rotulação resultante não é apenas uma caracterização da pessoa rotulada, mas também o é da pessoa que aplica o rótulo. Mais especificamente, parece tratar-se de um processo social de administração de determinadas condições (interpretadas como sendo deficiências), dentro de uma ordem social estabelecida para esse fim. Assim, a abordagem das respostas sociais dos outros, individuais ou coletivas, face a deficiências e a deficientes começa a ser reconhecida como uma rica fonte de problemas a serem investigados para a construção de uma nova concepção das deficiências e de modos de intervenção capazes de lidar com a totalidade do problema.

A elucidação de como a condição de deficiência é percebida e interpretada por pessoas comuns é de fundamental importância para a Educação Especial. Essa percepção e interpretação influenciam a natureza das relações sociais que se desenvolvem face a pessoas deficientes e constituem o seu contexto social imediato que confere sentidos específicos aos comportamentos delas. É nesse contexto que se deve basear para buscar a inteligibilidade das deficiências manifestadas por pessoas específicas. As pessoas deficientes tendem a ser percebidas como se constituíssem categorias bem delimitadas em função de nomes específicos com que essas categorias são designadas. Tais categorias parecem legitimar-se à medida que são utilizadas para designar aquelas pessoas deficientes, tratando-as como um grupo distinto do de indivíduos comuns. Assim, foi realizado um estudo sobre os estereótipos, em que foi investigada essa percepção categorial acerca de pessoas deficientes, mantida por estudantes universitários, e a tipificação que fazem dos membros de cada categoria (6, 7 e 8).

Esses estudos mostraram que cada nome que designa alguma deficiência parece levar as pessoas a perceberem uma categoria como suficientemente específica e distinta para poder definir um tipo psicológico correspondente aos membros dessa categoria.

Nesse estudo sobre os estereótipos em relação a pessoas deficientes, foram encontrados conglomerados de adjetivos mais freqüentemente apontados como sendo característicos de categorias de pessoas deficientes. Foram utilizadas quatro categorias (deficientes mentais, deficientes visuais, deficientes auditivos e deficientes físicos) como objetos de percepção categorial por parte de dois grupos de sujeitos — estudantes de Educação Especial e estudantes de Curso de Pedagogia, em que não havia Habilitação em Educação Especial. Assim, foram encontrados oito conglomerados de adjetivos, sendo quatro de um grupo e quatro do outro grupo, correspondendo cada conglomerado de um grupo a uma categoria de pessoas deficientes (esses conglomerados de adjetivos estão transcritos no Anexo I).

Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 139-147, 1991.

Tais conglomerados correspondem à percepção categorial de cada grupo de sujeitos acerca de cada categoria de pessoas deficientes, e apresentam algumas semelhanças entre si, mas apresentam também notáveis diferenças, sugerindo que cada categoria de pessoas deficientes é percebida de modo bastante distinto uma da outra. As diferenças entre os grupos, na sua percepção de uma mesma categoria, são também notáveis.

Diante da especificidade desses conglomerados de adjetivos para cada categoria de deficientes, segundo a percepção de cada grupo de sujeitos, surge uma questão acerca da possibilidade de reconhecimento, por parte de outros sujeitos, equivalentes àqueles utilizados nessa pesquisa, da categoria à qual cada conglomerado corresponde. No estudo realizado por Centers (2), houve porcentagens muito altas de acertos por parte dos sujeitos. Esses sujeitos conseguiram reconhecer a qual categoria corresponde cada lista de adjetivos. Esse autor utilizou listas de 12 adjetivos que haviam sido mais freqüentemente apontados para cada uma das 10 categorias de pessoas identificadas por nomes que designam nacionalidade, listas essas obtidas por Katz e Braly (4). Os estudantes da pesquisa de Centers indicaram, para cada lista de adjetivos, um dos 10 nomes de grupos raciais e nacionais. Os resultados mostraram alto nível de acerto, isto é, de 73% a 95% dos sujeitos indicaram corretamente o grupo a que cada lista correspondia.

Posteriormente, Hoult (3), ao replicar o estudo de Centers, encontrou porcentagens bem inferiores de sujeitos que indicaram corretamente o grupo racial e nacional para cada lista de adjetivos. As porcentagens de acerto, que variaram de 21% a 63%, podem parecer baixas em alguns casos, porém, procedendo à competente análise estatística dos dados apresentados por Hoult, verifica-se que, mesmo onde a freqüência de acertos foi baixa, ela é significativamente superior àquele que o acaso faria prever ($p < 0,001$). Portanto, embora Hoult tivesse contestado que essa demonstração empírica de estereótipos étnicos em sala de aula fosse efetiva, na realidade os seus sujeitos também identificaram corretamente o nome do grupo a que correspondia cada lista de adjetivos obtida por Katz e Braly em 1933 (4).

A presente pesquisa teve o objetivo de verificar se ocorre corretamente esse reconhecimento de categoria de deficiente, à qual corresponde cada conglomerado de adjetivos obtido no estudo anterior (Omete, 6). No presente estudo, diferentemente dos de Centers e de Hoult, os sujeitos encontraram duas listas de adjetivos para cada categoria de deficientes: uma obtida das indicações feitas pelos estudantes de Educação Especial e outra obtida das indicações feitas pelos estudantes de Pedagogia no estudo anterior.

MÉTODO

Sujeitos. Foram utilizados dois grupos de sujeitos, equivalentes aos do estudo anterior, isto é, estudantes de Educação Especial e os de Curso de Pedagogia, em que não havia a Habilitação em Educação Especial, referidos por grupo E e grupo P, respectivamente. Cada grupo era constituído por 75 estudantes, todas do sexo feminino.

Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 139-147, 1991.

Doc C 88

No grupo E, a idade variou de 18 a 45 anos, com a média de 25 anos. No grupo P, a idade variou de 17 a 34 anos, com a média de 22 anos. *Material.* Foi utilizado material impresso, onde os 8 conglomerados de adjetivos estavam reproduzidos, juntamente com instruções para a realização da tarefa solicitada. Esses 8 conglomerados encontram-se transcritos no Anexo I. Os conglomerados DM-E e DM-P correspondem à categoria de pessoas deficientes mentais e foram obtidos, no estudo anterior, do grupo de estudantes de Educação Especial e do grupo de estudantes de Pedagogia, respectivamente. Os conglomerados DV-E e DV-P correspondem à categoria de deficientes visuais, os conglomerados DA-E e DA-P correspondem à categoria de deficientes auditivos e os conglomerados DF-E e DF-P correspondem à categoria de deficientes físicos.

Procedimento. O instrumento foi aplicado coletivamente a classes de alunos durante aula normal. Após a distribuição do material impresso, os sujeitos foram esclarecidos de que se tratava de parte de uma pesquisa sobre como as características de pessoas deficientes podem ser percebidas por outras pessoas. A instrução constante do material impresso foi lida pelos sujeitos e eventuais dúvidas foram esclarecidas. Nessa instrução, era solicitado que o sujeito analisasse atentamente cada uma das 8 listas de adjetivos e escolhesse, para cada grupo de deficientes (deficientes mentais, deficientes visuais, deficientes auditivos e deficientes físicos), a lista que mais adequadamente caracteriza esse grupo. A instrução esclarecia, ainda, que o sujeito não poderia escolher uma mesma lista para duas ou mais categorias de pessoas deficientes. Em cada lista, os adjetivos foram reproduzidos na ordem de maior para menor frequência com que foram citados no estudo anterior. Os sujeitos foram esclarecidos, também, a este respeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada sujeito escolheu 4 conglomerados de adjetivos, sendo um para cada categoria de pessoas deficientes. O resultado das escolhas, procedidas pelos sujeitos do grupo E e os do grupo P, pode ser visto na Tabela 1. Aparecem em colunas as frequências de sujeitos que escolheram cada um dos 8 conglomerados de adjetivos como sendo adequado para caracterizar uma dada categoria de pessoas deficientes.

O exame da Tabela 1 mostra que, para cada categoria de pessoas deficientes, as escolhas recaíram expressivamente sobre os dois conglomerados obtidos para essa mesma categoria no estudo anterior. Um desses conglomerados fora obtido de um grupo de estudantes de Educação Especial e o outro, de um grupo de estudantes de Curso de Pedagogia, em que não havia Habilitação em Educação Especial.

Dentre os sujeitos do grupo E, 25 escolheram o conglomerado DM-E e 26 escolheram o conglomerado DM-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes mentais (DM); 18 escolheram o conglomerado DV-E e 34 escolheram o conglomerado DV-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes visuais (DV); 17 escolheram o conglomerado DA-E e 42 escolheram o conglomerado DA-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes auditivos (DA); por fim, 25 escolheram o conglomerado DF-E e 16 escolheram o

conglomerado DF-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes físicos (DF). A competente análise estatística mostrou que a escolha do conglomerado de adjetivos obtido anteriormente de estudantes de Pedagogia foi significativamente mais frequente que a do conglomerado obtido de estudantes de Educação Especial, em relação à categoria de deficientes visuais ($p < 0,05$) e à de deficientes auditivos ($p < 0,01$). Em relação à categoria de deficientes mentais e à de deficientes físicos não foi verificada essa preferência definida.

TABELA 1 – Distribuição das escolhas de conglomerados na caracterização de cada categoria de pessoas deficientes

conglomerados de adjetivos	grupo E (N = 75)				grupo P (N = 75)			
	DM	DV	DA	DF	DM	DV	DA	DF
DM-E	25	4	0	5	14	2	0	2
DM-P	26	3	2	6	53	0	1	4
DV-E	5	18	6	9	0	29	3	6
DV-P	3	34	2	10	2	37	7	10
DA-E	4	2	17	2	1	0	11	1
DA-P	2	1	42	2	3	2	47	4
DF-E	4	6	4	25	1	2	2	23
DF-P	6	7	2	16	1	3	4	25

Dentre os sujeitos do grupo P, 14 escolheram o conglomerado DM-E e 53 escolheram o conglomerado DM-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes mentais; 29 escolheram o conglomerado DV-E e 37 escolheram o conglomerado DV-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes visuais; 11 escolheram o conglomerado DA-E e 47 escolheram o conglomerado DA-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes auditivos; 23 escolheram o conglomerado DF-E e 25 escolheram o conglomerado DF-P como sendo adequados para caracterizar a categoria de deficientes físicos. A escolha do conglomerado, obtido de estudantes de Pedagogia, foi significativamente mais frequente que a do conglomerado obtido de estudantes de Educação Especial, em relação à categoria de deficientes mentais ($p < 0,001$) e à de deficientes auditivos ($p < 0,001$). Em relação à categoria de deficientes visuais e à de deficientes físicos não foi observada essa preferência definida.

A escolha mais frequente, entre os sujeitos do grupo E, dos conglomerados anteriormente obtidos de estudantes de Pedagogia, para as categorias de deficientes visuais e de deficientes auditivos, é de difícil interpretação. Como o estudo anterior (Omote, 6) havia revelado algumas importantes diferenças entre o grupo de estudantes de Educação Especial e o de Pedagogia, quanto à tipificação que fazem dos membros de categorias específicas de pessoas deficientes, seria esperado que hou-

vesse preferência definida pelos conglomerados anteriormente obtidos de estudantes de Educação Especial. Uma possível explicação para esse resultado pode residir na possibilidade de as estudantes de Educação Especial, utilizadas no presente estudo, serem menos diferenciadas de seus pares de Curso de Pedagogia, com relação à alguma característica relevante, comparativamente àquelas utilizadas no estudo anterior.

Na realidade, havia, para cada categoria de deficientes, duas listas de adjetivos que servem para a sua caracterização e 6 outras que não servem para essa categoria. Portanto, podem-se reagrupar os dados da Tabela 1, reunindo na classe de escolhas corretas as indicações de qualquer dos dois conglomerados que servem para caracterizar a categoria, e reunindo na classe de escolhas incorretas as indicações de qualquer dos 6 conglomerados que não servem para caracterizar essa categoria.

A Tabela 2 mostra os dados assim reorganizados. Pode-se verificar que as escolhas corretas são em número visivelmente superior às escolhas incorretas. Convém lembrar que das 8 listas 2 correspondem a escolhas corretas e 6 a escolhas incorretas. Portanto, se a escolha das listas tivesse ocorrido de modo inteiramente casual, esperaríamos uma proporção de uma escolha correta para cada 3 escolhas incorretas. O número de sujeitos que fizeram a escolha correta é significativamente superior ao número que o acaso faria prever ($p < 0,001$), em ambos os grupos de sujeitos e para todas as categorias de deficientes.

TABELA 2 – Número de sujeitos que fizeram escolha correta e os que fizeram escolha incorreta para cada categoria de pessoas deficientes

	grupo E							
	DV	DA	DF	DM	DV	DA	DF	
correta	51	52	59	41	67	66	53	48
incorreta	24	23	16	34	8	9	17	27

Esses resultados evidenciam que cada conglomerado de adjetivos, obtido do estudo anterior, mediante a listagem de adjetivos mais frequentemente citados para a caracterização de uma dada categoria de pessoas deficientes, parece retratar, de modo bem definido, uma categoria específica de deficientes. Esse retrato de cada categoria parece ser suficientemente nítido para que nele seja reconhecida, de modo quase inequívoco, a respectiva categoria de deficientes.

São duas versões de retratos para cada categoria, ambas inequívocas. Isso sugere a possibilidade de existirem algumas características centrais, presentes em ambos os conglomerados de uma mesma categoria de deficientes, que podem desempenhar essa função de caracterizá-los como retratos de uma dada categoria e não de outras cate-

gorias. Examinando os adjetivos que compõem os conglomerados, pode-se verificar que há um número considerável de adjetivos que são comuns a ambos os conglomerados de uma mesma categoria. São 7 adjetivos comuns a ambos os conglomerados relativos a categoria de deficientes mentais, 8 adjetivos relativos à categoria de deficientes auditivos e 9 adjetivos relativos à categoria de deficientes físicos. Pode-se verificar também que 4 adjetivos são comuns aos conglomerados obtidos de estudantes de Educação Especial para as 4 categorias de deficientes ("marginalizados", "rejeitados", "capazes" e "sensíveis"). Entre os 4 conglomerados, obtidos de estudantes de Pedagogia, encontram-se 3 adjetivos comuns a todos eles ("dependentes", "solitários" e "inofensivos"). Por outro lado, não há nenhum adjetivo que seja comum a todos os 8 conglomerados (Quadro 1).

Talvez os adjetivos comuns a ambos os conglomerados de uma mesma categoria, excluídos aqueles que são comuns às 4 categorias, tanto na indicação dos estudantes de Educação Especial quanto na dos de Pedagogia, servissem como traços centrais, uma marca distintiva, de cada categoria específica de deficientes. A presença de tais adjetivos em ambos os conglomerados de uma mesma categoria pode ter, neste estudo, levado os sujeitos tanto do grupo E quanto do grupo P a escolherem com alta frequência, de modo indiferenciado em alguns casos, esses dois conglomerados como sendo adequados para aquela categoria. Novas pesquisas são necessárias para esclarecer essa questão.

QUADRO 1 – Adjetivos comuns a ambos os conglomerados de uma mesma categoria, correspondentes ao grupo E e ao grupo P, excluídos aqueles comuns aos conglomerados das quatro categorias de deficientes

def. mentais	def. visuais	def. audit.	def. físicos
vagarosos	dóceis	agressivos	complexados
imprevisíveis	esforçados	agitados	observadores
incoordenados	humíldes	observadores	esforçados
irritados	educados	irritados	revoltados
	trabalhadores	mudos	trabalhadores

De qualquer modo, utilizando um procedimento semelhante ao de Centers (2) e de Hoult (3), foi evidenciado no presente estudo que as estudantes de Educação Especial e as de Pedagogia foram capazes de reconhecer corretamente os estereótipos de deficientes. Examinando as listas de adjetivos que seus pares, no estudo anterior, citaram mais frequentemente na caracterização de 4 categorias de deficientes, essas estudantes conseguiram reconhecer em cada lista a categoria de deficientes a que ela se refere.

O fato de as pessoas conseguirem reconhecer numa lista de adjetivos a categoria de deficientes a que ela se refere não significa que os traços nela constantes sejam uma descrição fiel de características desses deficientes, que podem ser percebidas objetivamente. Uma interpretação da natureza dos estereótipos aponta que estes representam não só a categoria de pessoas a que se referem, mas também representam

ANEXO I: Conglomerados de adjetivos mais frequentemente citados no estudo anterior para cada uma das 4 categorias de pessoas deficientes pelo grupo de estudantes de Educação Especial e pelo grupo de estudantes de Pedagogia

DM-E	DM-P	DV-E	DV-P
marginalizados	perturbados	capazes	solitários
dependentes	marginalizados	dóceis	esforçados
rejeitados	dependentes	marginalizados	capazes
vagarosos	agitados	inseguros	inofensivos
desajustados	imprevisíveis	esforçados	corajosos
imprevisíveis	incompletos	rejeitados	dóceis
sensíveis	solitários	sensíveis	educados
agressivos	anormais	solitários	amigáveis
capazes	incoordenados	afetuosos	dependentes
certinhos	irritados	humíldes	sensitivos
incoordenados	difíceis	dependentes	sociais
irritados	inofensivos	desconfiados	humíldes
amigáveis	rejeitados	educados	ajustados
atrasados	sofidos	ansiosos	desprezados
imitadores	vagarosos	competentes	estudiosos
sociáveis		trabalhadores	trabalhadores
sugestionáveis			

DA-E	DA-P	DF-E	DF-P
agressivos	observadores	marginalizados	rejeitados
capazes	atenciosos	complexados	complexados
agitados	capazes	rejeitados	marginalizados
desconfiados	dependentes	capazes	sofredores
observadores	esforçados	ansiosos	dependentes
irritados	solitários	sensíveis	esforçados
marginalizados	agitados	observadores	sofidos
sensíveis	mudos	dependentes	observadores
ansiosos	inofensivos	esforçados	revoltados
mudos	interessados	revoltados	trabalhadores
rejeitados	irritados	trabalhadores	humíldes
sociáveis	agressivos		inofensivos
	amigáveis		sensíveis
	incompletos		solitários
	nervosos		
	sensíveis		

muitos aspectos das pessoas que os mantêm. O estudo anterior sugeriu, conforme alguns autores já haviam apontado (1,5), que os estereótipos parecem expressar a natureza da relação entre o grupo que os mantém e o grupo que é estereotipado. Foi sugerido, parágrafos atrás, que os adjetivos comuns a ambos os conglomerados, relati-

Didática, São Paulo, v. 26/27, 139-147, 1991.

vos a uma mesma categoria, corresponderem a características distintas da categoria, suficientemente salientes para serem detectadas por ambos os grupos de sujeitos. Então, talvez os aspectos da relação intergrupai, presentes nos estereótipos, sejam expressos através daqueles adjetivos que aparecem apenas num dos conglomerados relativos a uma mesma categoria.

Os resultados encontrados no presente estudo ratificam a conclusão do estudo anterior de que a indicação de determinados adjetivos como sendo característicos de uma determinada categoria de pessoas deficientes não ocorre de modo casual. Há alguma ocorrência, associada ao nome de cada categoria específica de deficientes, que parece orientar a percepção das pessoas acerca dessas categorias. Na imagem assim formada, pode ser identificada a categoria específica a que ela se refere. Para se compreender adequadamente o fenômeno da deficiência, é necessário levar em conta, também, esse processo de formação de imagens acerca da pessoa e a influência que elas podem exercer na relação entre o deficiente e o não deficiente.

OMOTE, S. Recognizing stereotypes concerning disabled people. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 139-147, 1990/1991.

ABSTRACT: Lists of adjectives more frequently pointed out for a categorical description of the mentally retarded, visually handicapped, hearing impaired and physically disabled people were given to two groups of subjects. Subjects were able to recognize easily the category of disability to which each list refers to. Results suggest a core of traits that permit both groups of subjects to relate each list of adjectives to its own category of disability. It was also suggested the possibility of some traits of a list could express the kind of relationship between the subjects of a group and the individuals belonging to the category described by such a list.

KEYWORDS: Stereotype; mental retardation; visual handicap; hearing impairment; physical disability.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, D. T. Stereotypes and the perception of group differences. *American Psychologist*, Washington, v. 22, p. 817-829, 1967.
- CENTERS, R. An effective classroom demonstration of stereotypes. *Journal of Social Psychology*, Washington, v. 34, p. 41-46, 1951.
- HOLLT, T. F. An effective classroom demonstration of stereotypes: a reexamination. *Journal of Social Psychology*, Washington, v. 38, p. 293-295, 1953.
- KATZ, D., BRALY, K. Racial stereotypes of one hundred college students. *Journal of Abnormal & Social Psychology*, Boston, v. 28, p. 280-290, 1933.
- LEITE, D. M. *Caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1954. (Boletim, 230; Psicologia, 7)
- OMOTE, S. *Estereótipos de estudantes universitários em relação a diferentes categorias de pessoas deficientes*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984. Tese. (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1984.
- OMOTE, S. Estereótipos a respeito de pessoas deficientes. *Didática*, São Paulo, v. 22/23, p. 167-180, 1986/87.
- OMOTE, S. Alguns resultados de estudos de estereótipos a respeito de pessoas deficientes. *Vivência: Revista da Fundação Catatimensense de Educação Especial*, São José, n. 4, 2º semestre 1988.

Recebido para publicação em 13.06.90

Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 139-147, 1991.